

O USO DE METODOLOGIAS HUMANIZADORAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO MÉDIO

Pâmela Pauli Groth¹

Elenice Ana Kirchner²

Kurlan Frey²

Rúbia Marta Cadore Albarello²

Clarice Gallina²

Resumo

O presente artigo, trata-se de um recorte do trabalho de conclusão de curso, que investigou, a partir de análises bibliográficas, o uso de metodologias humanizadoras como caminho para promover uma aprendizagem significativa no Ensino Médio, evidenciando a centralidade das relações interpessoais e o desenvolvimento integral do estudante. A pesquisa buscou compreender como práticas que valorizam o diálogo, o acolhimento, a reflexão e atividades contextualizadas podem fortalecer o engajamento, a autonomia e a construção do conhecimento de forma mais profunda, a partir de autores como Morin, Assmann, Strieder e Moraes, que sustentam uma educação voltada à complexidade, ao diálogo e à sensibilidade, a pesquisa examina ainda a articulação dessas metodologias com documentos normativos da educação brasileira, que reforçam a importância de práticas integradoras. Os resultados teóricos indicam que a aplicação de metodologias humanizadoras contribui para a participação ativa dos alunos, para o fortalecimento de vínculos interpessoais e para a promoção de competências cognitivas, socioemocionais e éticas, refletindo o desenvolvimento integral do educando. Conclui-se que a aprendizagem significativa transcende a mera assimilação de conteúdos, emergindo de interações humanas respeitadas e de experiências educacionais que reconhecem a singularidade de cada aluno, oferecendo contribuições valiosas para a reflexão sobre práticas pedagógicas e para o aprimoramento do Ensino Médio.

Palavras-chave: aprendizagem significativa; desenvolvimento integral; Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Médio enfrenta desafios cada vez mais complexos diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas contemporâneas. Nesse

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Uceff

² Docente do Centro Universitário Uceff

cenário, cresce a necessidade de práticas pedagógicas que superem a transmissão mecânica de conteúdos e valorizem o estudante como sujeito integral, capaz de articular conhecimentos, emoções e experiências. As metodologias humanizadoras emergem, assim, como uma abordagem teórica que busca promover aprendizagens mais significativas, fundamentadas no diálogo, na empatia, na cooperação e na construção de vínculos que favorecem o desenvolvimento humano.

Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo analisar os fundamentos das metodologias humanizadoras e sua relação com a aprendizagem significativa no Ensino Médio. A partir da literatura especializada, investigam-se suas bases conceituais, seus princípios pedagógicos e sua articulação com documentos orientadores da educação brasileira. O estudo considera contribuições de autores como Edgar Morin, Hugo Assmann, Roque Strieder e Maria Cândida Moraes, que defendem uma educação voltada à complexidade, à sensibilidade, ao diálogo e à formação integral.

Ao reunir diferentes referenciais teóricos, esta investigação reforça a importância de uma prática educativa que reconheça o estudante em sua totalidade e que promova ambientes de aprendizagem mais acolhedores, éticos e participativos. Dessa forma, este trabalho pretende não só evidenciar o potencial das metodologias humanizadoras na promoção de aprendizagens significativas, mas também inspirar novas práticas que façam da escola um espaço vivo, inclusivo e verdadeiramente voltado para o desenvolvimento integral dos estudantes.

2 DESENVOLVIMENTO

Diante das complexas transformações sociais, ambientais e culturais que marcam o século XXI, cresce a necessidade de repensar profundamente o papel da educação. Não basta formar indivíduos para responder a demandas técnicas

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

ou produtivas, é urgente formar sujeitos conscientes, sensíveis e comprometidos com a vida em todas as suas formas. Nesse cenário, emerge a educação humanizadora como uma abordagem que valoriza o ser humano em sua totalidade, reconhecendo suas dimensões cognitivas, emocionais, éticas e sociais. Trata-se de uma proposta que coloca o cuidado, o afeto, a escuta e o respeito mútuo como pilares do processo educativo, buscando reconstruir os vínculos entre escola, comunidade e mundo.

Ao considerar o educando como protagonista do próprio aprendizado e parte ativa na transformação da realidade, a educação humanizadora aponta caminhos para uma prática pedagógica mais justa, significativa e comprometida com a dignidade humana.

O século XXI tem sido palco para feitos grandiosos para avanços no mundo todo, entretanto também é marcado por acontecimentos avassaladores, que nos levam a refletir a respeito de nossas atitudes, escolhas e impacto de nossas ações.

Nesta mesma perspectiva, Morin (2007, p. 50) enfatiza: “Como seres vivos deste planeta, dependemos vitalmente da biosfera terrestre; devemos reconhecer nossa identidade terrena, física e biológica”.

Perante os desafios contemporâneos enfrentados pela educação, torna-se necessário repensar as bases que sustentam o processo formativo, valorizando não apenas os conteúdos escolares, mas, sobretudo, a dimensão humana do ato de educar. Nesse sentido, é fundamental cultivar uma nova postura pedagógica, capaz de reconhecer o outro em sua totalidade, com suas emoções, desejos e experiências. Trata-se de uma mudança de mentalidade que compreende o educando como sujeito ativo e sensível no processo de construção do conhecimento.

É nessa perspectiva que Strieder (2002) aborda que é necessário o desenvolvimento de uma mentalidade que favoreça uma reflexão profunda sobre a origem da condição humana, pautada na colaboração e na ajuda mútua. Trata-

se de uma forma de pensar que resgata o desejo e a pulsão humana como elementos centrais de um novo princípio orientador.

A educação humanizada vê o seu objeto de estudo, o indivíduo como um todo, corroborando com este argumento, Freire (2005) cita que deve-se considerar o aprendiz em sua totalidade, o educando não é naquele momento apenas uma parte do ser, ele é um todo que também sofre alterações. A concepção humanista promove o estímulo da criatividade do homem, fomentando a sua busca pela aventura e o risco de tentar. Nesta metodologia busca-se desprender o homem da concepção de que ele é um objeto e que deve apenas se adaptar e parte para a teoria de que o homem é agente participativo no seu redor, que tem a capacidade de transformar o mundo.

Ao reconhecer o estudante como sujeito integral, dotado de pensamentos, emoções, valores e sonhos, essa abordagem reivindica espaços de afeto, diálogo e cooperação dentro e fora da sala de aula. Mais do que repensar conteúdos, urge repensar práticas: como dar voz e vez ao aluno? Como articular saberes de forma justa e significativa? Como formar educadores sensíveis aos desafios de um mundo em constante transformação?

2.1 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA HUMANIZADORA

No contexto da dinâmica atual da educação, torna-se cada vez mais necessário refletir sobre os impactos das transformações sociais, tecnológicas e culturais nos espaços escolares. A emergência de uma sociedade em rede, marcada pela conectividade, pelo fluxo contínuo de informações e pela complexidade das relações humanas, demanda novas formas de ensinar, aprender e conviver. Nesse cenário, a educação passa a ocupar um lugar estratégico na formação de sujeitos críticos, autônomos e socialmente comprometidos, desafiando práticas pedagógicas tradicionais e exigindo um novo olhar sobre o papel da escola, do currículo e do professor.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

A cerca deste tema, Moraes (2003) aborda que a configuração de uma sociedade em rede impõe transformações significativas à educação, influenciando desde as formas de ensinar e aprender até o planejamento curricular e a organização institucional. No entanto, muitos professores ainda não estão preparados para lidar com esse contexto digital, globalizado e marcado pela complexidade. Soma-se a isso a escassa valorização profissional, que compromete o respeito mútuo entre docentes e alunos, gerando insegurança, desconfiança e episódios de violência no ambiente escolar. Apesar do acesso às novas tecnologias, seu uso ainda é limitado e pouco explorado em termos pedagógicos. Diante de um mundo em constante transformação, torna-se urgente que a escola e os educadores aprendam a lidar com a diversidade, com a mudança e com os desafios éticos e sociais que atravessam o processo educativo.

Sendo assim, nesse mundo cada vez mais conectado, a escola já não é mais o único lugar onde se encontra o saber, mas se transforma em um espaço que conecta diferentes conhecimentos, pessoas e experiências que se renovam a todo momento. Para acompanhar essa mudança, é necessário olhar para a educação como algo vivo e em constante transformação, um espaço onde currículos, práticas e formas de avaliação possam se moldar à curiosidade dos alunos e ao espírito de colaboração.

Discutir a qualidade da educação requer ir além da análise dos contextos sociais e políticos. É necessário assumir o compromisso com práticas que realmente transformem o cotidiano escolar e promovam aprendizagens significativas. Nesse sentido, Assmann (1996, p. 185) ressalta a importância de encarar com seriedade os desafios que envolvem a efetiva melhoria dos processos educacionais:

Suponho que ninguém pretenda esquivar-se do desafio real de lutarmos por uma educação com qualidade para nosso povo. Mas não podemos ficar eternamente nos preâmbulos de contextualização do assunto, ou seja, na análise dos ingredientes socioeconômicos, políticos e ideológicos do tema qualidade na educação. É preciso, também e sobretudo, saber encarar de frente as exigências de

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

melhoria qualitativa efetiva dos processos educacionais enquanto destinados a possibilitar e a fazer emergir a construção de conhecimentos que ajudem os alunos a descobrir suas potencialidades para enfrentar a vida com ânimo positivo, com alegria e esperança.

Essa perspectiva reforça a necessidade de repensar o fazer pedagógico à luz de práticas mais humanizadas, capazes de despertar nos estudantes o interesse pelo conhecimento, fortalecer sua autoestima e estimular uma relação mais afetiva e significativa com o processo de aprendizagem. Assim, o compromisso com a qualidade da educação passa, necessariamente, por metodologias que valorizem o sujeito em sua integralidade, promovendo não apenas o domínio de conteúdos, mas também o desenvolvimento pessoal, social e emocional.

A respeito da educação atual, Moraes (2003) afirma que ainda seguimos presos a uma lógica educacional que fragmenta o conhecimento e trata o estudante como mero repositório de informações. As salas de aula continuam rígidas, com formatos padronizados e avaliações que priorizam respostas prontas em vez de incentivar a troca, a escuta e a construção coletiva do saber. Valoriza-se a memorização e a reprodução, enquanto o processo, o diálogo entre diferentes áreas e a criatividade muitas vezes são deixados de lado.

Uma sociedade evolui quando seus integrantes evoluem, assim é a vida, com o mundo não é diferente, para que possamos habitar um planeta evoluído nós também precisamos evoluir como seres humanos, de forma integral. De tal modo é imprescindível que o processo educativo contemple não apenas o conhecimento técnico e científico, mas também aspectos emocionais, éticos e sociais.

Dessa forma, ao cultivar valores como empatia, solidariedade e respeito, a educação contribui para a construção de um mundo mais equilibrado, onde o progresso não se limita ao avanço tecnológico, mas reflete a humanização das relações e o bem-estar coletivo. Moraes (2003, p. 115) defende: “Processos vitais, como o aprender e o conhecer, são processos autopoieticos que envolvem a totalidade do SER. Implicam, portanto, a corporeidade humana, as relações do

indivíduo consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com a cultura e com o contexto.”

O desenvolvimento integral do ser humano está diretamente ligado a uma educação que valoriza a condição humana em sua totalidade. Mais do que a mera transmissão de conteúdos, a educação deve promover a formação de indivíduos conscientes, críticos e sensíveis às necessidades do mundo ao seu redor. Como destaca Morin (2007) a educação do futuro deve estar voltada para a dimensão humana, com olhares clínicos que não dissociem o objeto do contexto em que se insere.

Portanto, conforme Welter (2006), a escola tem papel fundamental no processo educativo e uma de suas funções centrais é educar para a humanização. Nesse sentido, a educação assume um papel que vai além da preparação para o mercado de trabalho, passando a contribuir efetivamente para o desenvolvimento humano integral. Promover a criatividade e possibilitar sua expressão significa construir, a partir da diversidade, um imaginário coletivo rico e significativo.

De acordo com Moraes (2003), diante das transformações profundas que vivemos como sociedade, torna-se essencial repensar o papel da educação e buscar caminhos mais sensíveis e conscientes para a prática pedagógica. Precisamos de uma educação que acolha a complexidade da vida, que respeite as diferentes formas de ser e de aprender, e que valorize não apenas o saber racional, mas também os afetos, as histórias e as culturas que cada aprendiz carrega consigo. Mais do que formar para o mercado, é preciso formar seres humanos integrais, que desenvolvam sua mente, sua consciência, suas emoções e o seu espírito, preparados para viver com empatia, responsabilidade e sentido.

Nessa direção, Moraes (2003, p. 24) afirma:

É preciso educar para que o aprendiz tenha condições de enfrentar as adversidades e de desenvolver a sua autonomia e criatividade para que possa ser capaz de resolver os seus problemas mais prementes e inventar o que precisa ser inventado. Precisamos aprender a educar

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

de maneira mais competente para que também exista um pouco mais de justiça social em nossos países.

Diante das contribuições de Moraes (2003), Morin (2007) e Welter (2006), torna-se evidente que educar de verdade é muito mais do que preparar para o mercado: é cuidar de pessoas inteiras – suas ideias, emoções, histórias e sonhos. É abrir caminhos para que cada um descubra sua autonomia, exercite a criatividade e a vontade de transformar o mundo. A escola, nesse sentido, deve ser um espaço de encontros, onde se valoriza a diversidade, se escuta com respeito e se constrói solidariedade. Só assim poderemos cultivar uma comunidade mais justa, colaborativa e humana, na qual cada estudante se sinta visto, acolhido e inspirado a florescer em tudo aquilo que é.

Nesse contexto, Freire (2005, p. 22) afirma: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Essa visão de educação propõe uma ruptura com modelos tradicionais, desafiando os educadores a adotarem metodologias que estimulem o protagonismo estudantil, promovam o diálogo e a reflexão crítica, e construam uma aprendizagem verdadeiramente significativa. Ao enfatizar a autonomia do aluno na produção do conhecimento, Freire nos convida a repensar o papel da escola como um espaço de construção coletiva e de transformação.

Para Moraes (2003) é urgente a necessidade de romper com os moldes tradicionais da educação e transformar, de forma sensível e consciente, nossa prática pedagógica. Isso exige abertura a novos modelos, escuta para diferentes diálogos e disposição para cultivar ideias e valores mais alinhados com as necessidades do nosso tempo. Precisamos de teorias que sustentem não apenas o fazer pedagógico e os processos de aprendizagem, mas que também contribuam para a elevação da consciência humana e para a construção de uma vida mais justa, sustentável e significativa para todos.

Isso exige uma mudança profunda na forma como entendemos e praticamos a educação. É necessário adotar um novo paradigma, que nos permita desenvolver com mais sensibilidade as competências humanas que o mundo

contemporâneo tanto precisa. Para isso, é fundamental que a educação se apoie em valores renovados, como a solidariedade, o respeito mútuo, a cooperação, a parceria e uma visão ecológica da existência. Trata-se de cultivar um pensamento relacional e dialógico, que traz a vida como o eixo primordial. Quem reconhece a beleza e o valor da vida não a fere, não a silencia, mas a protege e a celebra em todas as suas formas (Moraes, 2003).

Esse movimento rompe com a rigidez dos currículos tradicionais. Com isso, a escola assume seu papel de catalisadora de mudanças, promovendo não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o florescimento de competências socioemocionais, o que nos conduz, a seguir, à investigação dos fundamentos teóricos e legais que embasam essa prática.

2.2 RELAÇÕES PESSOAIS E INTERPESSOAIS NO CONTEXTO DAS METODOLOGIAS HUMANIZADORAS

Nas metodologias humanizadoras, as relações pessoais e interpessoais assumem papel central, pois é nesse encontro autêntico que se constrói a confiança e o sentido de pertencimento. Quando escola e comunidade valorizam a empatia e o cuidado mútuo, cada diálogo se torna oportunidade de aprendizado recíproco, fortalecendo vínculos afetivos que ampliam o engajamento.

Em um mundo cada vez mais fragmentado e marcado por conflitos culturais, sociais e identitários, Morin (2007) defende que a educação do futuro deve assumir o compromisso de formar sujeitos capazes de compreender a si mesmos e aos demais, promovendo relações humanas mais éticas e cooperativas. É dever da escola, como centro predominante da sociedade, educar para a compreensão do outro. De tal modo, educar para a compreensão carrega em si um propósito profundamente espiritual da educação, torna-se um eixo fundamental para o fortalecimento da convivência e da cidadania planetária

que é a promoção da compreensão mútua entre as pessoas, como base essencial e garantia para a construção da solidariedade intelectual e moral na humanidade.

A comunicação por si só não garante a compreensão. Embora a informação clara favoreça o entendimento, etapa inicial e necessária, ela não é suficiente para alcançar a compreensão plena. Morin (2007, p. 94-95), diferencia a compreensão intelectual da compreensão humana e enfatiza:

A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana [...]. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, empatia e generosidade.

A respeito desse pensamento, Moraes (2003, p. 122), dialoga com as afirmações de Morin (2007) e traz o seguinte pensamento: “E o que nos faz humanos, segundo esta teoria, é o nosso viver como seres “linguajantes”, cooperativos e amorosos, com consciência de si mesmos e com consciência social, no respeito por si mesmos e pelos outros.”

Assim, reconhecer o outro como parceiro de aprendizado, com suas dores, sonhos e potencialidades, não apenas enriquece o processo educativo, mas também fortalece o tecido social, pois cada ato de escuta ativa e cada gesto de solidariedade ampliam nossa capacidade de agir de forma ética e colaborativa.

Essa convergência de ideias sustenta a noção de que a educação deve ser um espaço de encontro genuíno, onde a troca de saberes e afetos se torna o motor da transformação pessoal e comunitária.

De acordo com Morin (2007) a compreensão representa, simultaneamente o meio e o objetivo da comunicação humana. Em um mundo marcado por conflitos e diversidade, torna-se urgente promover compreensões mútuas em todas as esferas. Diante desse cenário, a educação tem um papel

fundamental, favorecer o desenvolvimento da compreensão em todas as etapas da vida e níveis de ensino.

A educação não deve se limitar a um processo mecânico de transmissão de conteúdos, mas deve também valorizar a experiência do prazer como essencial para o desenvolvimento do conhecimento. Quando a dimensão emocional e prazerosa da aprendizagem é negligenciada, o ensino se transforma em uma prática instrucional desprovida de sentido e de envolvimento real dos estudantes. Nesse sentido, Assmann (1996, p. 152) destaca:

Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo instrucional, que pode até chegar a ser maquinicamente eficiente e criar um montão de automatismos eficientes. Mas o que não cria é a celebração do conhecimento na aprendizagem.

Sendo assim, ao reconhecer o prazer como um componente fundamental da aprendizagem, abre-se caminho para uma educação mais envolvente, que desperte o interesse genuíno dos alunos e os motive a construir conhecimentos de forma significativa e transformadora.

A valorização do diálogo como instrumento de mediação e construção coletiva de saberes torna-se essencial para o fortalecimento de uma cultura de paz e respeito mútuo. Essa perspectiva é sintetizada por Morin (2007, p. 100), ao afirmar: “Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas.”

As relações pessoais e interpessoais entre aluno e professor assumem um papel central nas abordagens humanistas, visto que a aprendizagem se configura como um processo relacional e dinâmico. A mediação pedagógica, nesse contexto, rompe com a dicotomia tradicional entre quem ensina e quem aprende, promovendo um vínculo mais horizontal, pautado na escuta, no respeito mútuo e na construção conjunta do conhecimento.

Conforme argumenta Moraes (2003), essa mediação pressupõe trocas constantes entre educador e educando, compreendidos como sistemas vivos

que interagem e se influenciam mutuamente, formando uma rede de significações e experiências que potencializam a aprendizagem. Assim, o espaço pedagógico torna-se um ambiente de convivência autêntica, onde o vínculo afetivo e o diálogo são fundamentais para a formação integral dos sujeitos.

A mediação pedagógica, ao reconhecer que cada indivíduo interpreta e reconstrói a realidade conforme suas possibilidades estruturais, evidencia a necessidade de uma atuação docente sensível e intencional. Moraes (2003, p. 214-215) enfatiza:

Nesse processo, cada um interpreta e reconstrói a realidade à sua imagem e semelhança, de acordo com as suas possibilidades estruturais, mas, ao mesmo tempo, é influenciado pelas idéias e relações com o outro. A compreensão deste aspecto é fundamental para que a mediação pedagógica seja relevante para o aluno, pois sabemos que não é a realidade externa que se impõe ao sujeito como postula o paradigma tradicional, mas é ele que capta a realidade de acordo com a sua estrutura, dependendo dos limites de seu equipamento receptor. Portanto, é a mediação evidenciando o papel de sujeito aprendiz e fortalecendo-o como ator e construtor do seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Sendo assim, a construção de uma educação centrada no sujeito requer práticas pedagógicas que promovam vínculos significativos entre professor e aluno, reconhecendo ambos como agentes ativos no processo de aprendizagem.

Conforme Moraes (2003), sob a ótica da complexidade, essa mediação demanda abertura e humildade por parte do educador, que precisa reconhecer e valorizar as múltiplas vozes presentes no ambiente escolar. Nesse processo, o diálogo se estabelece como via de mão dupla, onde escutar ativamente é mais do que ouvir: é interpretar, acolher, imaginar e transformar o que é dito em aprendizado mútuo. Assim, a relação entre docente e discente torna-se um espaço de crescimento coletivo, no qual ambos constroem significados, ressignificam experiências e fortalecem vínculos que favorecem o desenvolvimento integral do sujeito.

Portanto, as metodologias voltadas à valorização da dimensão humana no processo educativo exigem uma profunda ressignificação das relações interpessoais no ambiente escolar. Nesse cenário, a atuação docente precisa transcender o papel tradicional de transmissor de conteúdos e assumir a função de mediador sensível, capaz de reconhecer no aluno um sujeito singular, ativo e legítimo na produção do conhecimento.

Ao favorecer vínculos afetivos, respeito mútuo e diálogo constante, fortalece-se não apenas a aprendizagem, mas também a formação ética e emocional dos envolvidos.

2.3 A RELAÇÃO ENTRE AS ABORDAGENS, O CURRÍCULO E UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

A construção de um currículo voltado à formação integral e humanizadora dos estudantes exige uma reflexão profunda sobre as formas de organização e articulação dos saberes no contexto escolar. Nesse sentido, abordagens como a disciplinar, interdisciplinar, pluridisciplinar, transversal e transdisciplinar oferecem diferentes caminhos para pensar o conhecimento e sua relação com a prática pedagógica. Cada uma dessas perspectivas contribui, a seu modo, para o entendimento da complexidade do processo educativo e para a superação de visões fragmentadas do saber.

De acordo com Brasil (2013), nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNs), cada escola tem o poder de escolher seguir um estilo de abordagem, dentro das opções estão os modelos disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Entretanto, se faz necessário que a unidade escolar, ao longo da estruturação e condução do currículo, realize uma análise, com cuidado, a respeito da abordagem a ser empregada, visto que elas refletem a concepção de mundo que fundamenta as práticas pedagógicas dos educadores e direciona as atividades dos estudantes.

Brasil (2013) cita que as abordagens multidisciplinar, pluridisciplinar, disciplinar e interdisciplinar são estruturadas a partir de um mesmo alicerce, sendo por sua vez apenas uma fração do saber, um enfoque de apenas um ponto de vista. De tal modo, essa perspectiva evidencia que, embora cada abordagem tenha características próprias, todas compartilham a limitação de partir de recortes específicos da realidade, sem necessariamente promover uma compreensão integrada e contextualizada do conhecimento.

Afinal, de onde vem tudo isso? porque ainda insistimos em uma escola que compartimentaliza o saber, separando-o em disciplinas, especializações e subdivisões, como se fosse possível entender o mundo apenas por partes? Esquecemo-nos de que os acontecimentos históricos se desenrolam em espaços geográficos, os estudantes estão imersos em contextos variados, e é fundamental entender que razão, emoção, afetividade e reflexão são dimensões que se entrelaçam na nossa experiência humana.

Ignoramos que a realidade é um todo e que é o próprio ser humano quem fragmenta essa totalidade, tentando entender e controlar o mundo a partir de recortes. Ao classificar e dividir o conhecimento, acabamos também nos fragmentando, distanciando-nos da natureza, do outro e, sobretudo, de nós mesmos. Perdemos de vista que evoluir não é um processo solitário, mas uma jornada de coevolução com tudo o que nos cerca (Moraes, 2003).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica estabelecem os princípios, fundamentos e objetivos que orientam a organização dos currículos das escolas brasileiras, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Dentre os critérios que abordam, está a transdisciplinaridade. De acordo com Brasil (2013, p.28):

A transdisciplinaridade refere-se ao conhecimento próprio da disciplina, mas está para além dela. O conhecimento situa-se na disciplina, nas diferentes disciplinas e além delas, tanto no espaço quanto no tempo. Busca a unidade do conhecimento na relação entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Adota atitude de abertura sobre as culturas do presente e do passado, uma assimilação da cultura e da arte. O desenvolvimento da capacidade de articular diferentes

referências de dimensões da pessoa humana, de seus direitos, e do mundo é fundamento básico da transdisciplinaridade.

Sendo assim, a transdisciplinaridade, enquanto um dos princípios orientadores das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, representa uma abordagem que visa superar a fragmentação do conhecimento tradicionalmente estruturado em disciplinas isoladas. Essa concepção amplia a compreensão do processo educativo ao integrar saberes diversos, permitindo que o conhecimento seja construído de maneira mais significativa e contextualizada.

A cerca desta temática, a proposta empregada por Morin (2007) amplia o papel da escola para além da instrução técnica, além de instigar a criatividade e o prazer pelo conhecimento, a escola deve trazer uma educação transdisciplinar, com ensinamentos que vão muito além do mero ensino da matemática, das normas cultas das linguagens ou até mesmo da ciência, reafirmando assim sua responsabilidade na formação ética e afetiva dos sujeitos. Ao educar para a empatia, o diálogo e a escuta, o ambiente escolar contribui para a construção de uma cultura mais cooperativa, respeitosa e solidária, indispensável à convivência democrática e ao desenvolvimento integral.

Em síntese, Brasil (2013), Moraes (2003) e Morin (2007) convergem na crítica à fragmentação do conhecimento e na defesa de uma educação que integre saberes, emoções e valores. A transdisciplinaridade, nesse contexto, emerge como um caminho possível para repensar o currículo e torná-lo mais próximo da complexidade da vida e da diversidade humana. Ao propor uma articulação entre disciplinas e dimensões da existência, essas abordagens favorecem uma formação mais integral, que prepara o estudante não apenas para o mercado de trabalho, mas para a convivência, o pensamento crítico e a construção de um projeto de vida ético e coletivo.

Assim, ao percorrer os diferentes olhares sobre a educação humanizadora, percebe-se que ela se constitui como uma possibilidade potente de ressignificar práticas pedagógicas e de aproximar a escola das experiências reais dos estudantes. Mais do que propor modelos prontos, essa perspectiva convida a

refletir sobre como integrar conteúdos, afetos, vínculos e projetos de vida em um processo de aprendizagem que faça sentido. Nessa direção, o desafio não está em encontrar respostas definitivas, mas em manter viva a pergunta sobre como tornar a escola um espaço verdadeiramente humano, plural e significativo, aberto às transformações e às múltiplas vozes que nela se entrelaçam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida observou como as metodologias humanizadoras podem favorecer uma aprendizagem significativa no Ensino Médio, considerando não apenas os conteúdos curriculares, mas principalmente os vínculos, as relações e a construção de sentidos que atravessam a vida escolar. As obras analisadas demonstram que a educação humanizadora, ao considerar o estudante em sua integralidade, oferece fundamentos para uma prática pedagógica capaz de integrar razão, emoção, ética e convivência. Essa perspectiva amplia a compreensão da escola como espaço de diálogo, acolhimento, reflexão e desenvolvimento humano, reafirmando a necessidade de repensar a função social da educação diante dos desafios contemporâneos. O percurso teórico possibilitou identificar os princípios que sustentam as metodologias humanizadoras e compreender como eles se articulam com os marcos legais nacionais. A literatura evidencia que tais documentos reforçam a importância de práticas pedagógicas que superem a fragmentação do conhecimento, valorizem múltiplas dimensões da aprendizagem e promovam autonomia, criticidade e participação ativa dos estudantes. Nesse sentido, observar a convergência entre teoria e normativas educacionais contribui para ampliar a compreensão sobre a pertinência e a atualidade dessa abordagem.

Foi possível perceber também que, embora as pesquisas apontem para os benefícios das metodologias humanizadoras, sua efetivação depende de uma postura ética e sensível do educador, mais do que de técnicas ou instrumentos.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Trata-se de um compromisso cotidiano com a dignidade humana, que desafia a escola a se reinventar e a se abrir ao novo, reconhecendo no estudante não apenas um aprendiz, mas um ser integral em constante construção.

Outro ponto recorrente nas obras consultadas é a crítica à fragmentação dos currículos e à rigidez dos modelos tradicionais de ensino. A partir das contribuições de autores como Morin e Moraes, a pesquisa confirma a necessidade de abordagens integradoras, como a transversalidade e a transdisciplinaridade, que permitam compreender a complexidade da vida e articulem saberes múltiplos. Essa perspectiva reafirma que a formação integral exige que o conhecimento escolar dialogue com a realidade, com a diversidade humana e com as experiências que os estudantes trazem consigo.

Ao reunir e articular diferentes referenciais teóricos, esta pesquisa bibliográfica reforça que a educação humanizadora não se constitui apenas como metodologia, mas como postura ética e pedagógica. Trata-se de um compromisso com a dignidade humana, que convoca educadores a repensarem seus modos de ensinar e a reconhecerem no estudante um sujeito ativo, singular e em permanente construção. A humanização, nesse sentido, não é um conjunto de técnicas, mas um movimento contínuo que se expressa nas relações, nas escolhas pedagógicas e no olhar sensível voltado ao outro.

Assim, nota-se que este estudo contribui para fortalecer a compreensão de que a escola pode e deve ser um espaço de humanização, no qual o conhecimento não se dissocia das emoções, dos vínculos e das experiências de vida. A pesquisa oferece subsídios teóricos para educadores que desejam repensar suas práticas e reafirma a necessidade de uma pedagogia que inspire esperança, diálogo e transformação social.

Contudo, longe de propor verdades absolutas, as reflexões aqui reunidas abrem mais caminhos do que encerram. Os estudos apontam para a potência das metodologias humanizadoras, mas também deixam em aberto o desafio de reinventar continuamente as práticas escolares, em diálogo com as demandas sociais, culturais e pessoais de cada geração. Nesse horizonte, a escola e os

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

educadores são convocados a se repensar diariamente: como continuar construindo um espaço em que a aprendizagem seja significativa e, sobretudo, profundamente humana? Assim, a pesquisa não se encerra, mas convida a um olhar atento e contínuo para as formas de ensinar e aprender que realmente façam sentido para os sujeitos que habitam a escola, em sua singularidade e coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. **Metáforas Novas Para Reencantar a Educação**. Piracicaba: Unimep, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Educar Na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização: por uma vivência criativa**. Florianópolis: Habitus, 2002.

WELTER, Maria Preis. **Educação Humanizadora: Um desafio do século XXI**. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2006.